

INTRODUÇÃO

Psicanálise e religião estão numa situação social em que são demandadas e em que se estabelecem. Antigamente, antes do surgimento da modernidade, ao topar com uma causa de angústia e de incerteza, o sujeito humano costumava ter referências que lhe permitiam achar uma resposta. De fato, identidades culturais ou comunidades religiosas forneciam-lhe coordenadas claras e estáveis. Hoje, porém, sobretudo no Ocidente, a globalização, a economia de mercado, a tecnologia, o anonimato urbano, o desenraizamento generalizado e o declínio das autoridades familiares e públicas deixam o indivíduo perturbado e confuso.

Como responder sozinhos aos sintomas que nos atingem? Eles se multiplicam sem parar: toxicomania, violência, assédio moral ou sexual, crise conjugal, fracasso escolar, conflito profissional, escolha materna entre abandono do filho* ou aborto, hesitação insuportável entre

* Na França, as mulheres têm a possibilidade de entregar o filho para adoção logo ao nascer, sem necessariamente ter de revelar sua identidade. Esse direito chama-se *accouchement sous X*. (N.T.)

eutanásia ou não, frigidez ou impotência sexual, manias diversas ou depressão, fobias ou angústia, distúrbios de memória e assim por diante, sendo que cada sintoma coloca uma indagação sem fim, porque nunca é possível livrar-se dele sozinho.

É por esse motivo que nas nossas sociedades atuais, em que a modernidade levou a melhor, há uma demanda de sentido dirigida ao psicanalítico ou ao religioso. Mas então coloca-se a seguinte questão: que relação existe entre psicanálise e religião?

É uma questão inevitável. Em *Die Frage der Laienanalyse* [“A questão da análise leiga”], Freud demonstra que, diferentemente da medicina, o ensino analítico envolve história da civilização, mitologia, psicologia das religiões e literatura. “Sem uma boa orientação nesses campos, o analista não consegue entender grande parte do material que a ele se apresenta.”¹

No entanto, que boa orientação haverá no que concerne à religião? Existem muitas respostas a essa pergunta. Para alguns, psicanálise e religião são dois campos separados quanto a seu fim e, portanto, quanto a seus meios. Assim, a psicanálise não seria nem a favor nem contra a religião. Para outros, ao contrário, a experiência psicanalítica conduz, necessariamente, ao antiteísmo pela descoberta de que toda crença religiosa é, em si, uma ilusão. Foi por isso que, na primeira metade do século XX, as autoridades eclesásticas se opuseram à psicanálise. Mas elas evoluíram e adotam agora uma posição de certa receptividade. Por exemplo, foi declarado no Concílio Vaticano II:

Na atividade pastoral, conheçam-se e apliquem-se suficientemente não apenas os princípios teológicos, mas também os dados das ciências profanas, principalmente da psicologia e da sociologia, para que, assim, os fiéis sejam conduzidos a uma vida de fé mais pura e adulta (*Gaudium et spes*, 62).

Mas todas essas posições, sejam elas quais forem, têm o inconveniente de serem teóricas. Ora, em *Die Frage der Laienanalyse*, Freud afirmava não haver uma teoria analítica *a priori* que fundamentaria a prática. O que predomina é a prática; em outras palavras, tudo depende de cada caso concreto. Assim, em certas situações, o religioso pode fazer resistência à análise, mantendo uma autoculpabilização do sexual. Existem outros casos, porém, em que ocorre o inverso: há acordo e coincidência entre determinado discurso religioso e o progresso na análise.

Portanto, a relação entre psicanálise e religião não é única. Deve ser discernida em função do conteúdo do discurso religioso e em função de cada prática da psicanálise. Por isso é que, historicamente, essa relação foi interpretada segundo três orientações: a de Freud, a de Jung e a de Lacan.